



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

Nilson Carlos Vieira Júnior

**USO DE INFORMAÇÃO COMO FORMA DE
AMENIZAR OS PRECONCEITOS ACERCA DA
HOMOSSEXUALIDADE.**

LONDRINA
2005

Nilson Carlos Vieira Júnior

**USO DE INFORMAÇÃO COMO FORMA DE AMENIZAR OS
PRECONCEITOS ACERCA DA HOMOSSEXUALIDADE.**

Trabalho de Conclusão de Curso da disciplina 3BIB055, apresentado ao Departamento de Ciência da Informação, do curso de Biblioteconomia, da Universidade Estadual de Londrina, como pré requisito para o título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Oswaldo Francisco de Almeida Júnior.

LONDRINA
2005

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)

V715i Vieira Júnior, Nilson Carlos
Uso de Informação como forma de amenizar os
preconceito acerca da homossexualidade / Nilson Carlos Vieira Júnior. –
Londrina, 2005.
xii, 53f. ; 34cm
Orientador: Doutor Oswaldo Francisco de Almeida Júnior.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade
Estadual de Londrina, 2005.
1.Informação - Preconceito – Homossexualidade – Biblioteca -
Monografia. I. Almeida Júnior, Oswaldo Francisco. II. Universidade
Estadual de Londrina.

CDU 025.5:613.885

NILSON CARLOS VIEIRA JUNIOR

USO DE INFORMAÇÃO COMO FORMA DE AMENIZAR OS
PRECONCEITOS ACERCA DA HOMOSSEXUALIDADE.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Oswaldo Francisco de Almeida Júnior
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Profª. Ms. Ivone Guerreiro Di Chiara
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Profª. Ms. Sueli Bortolin
Universidade Estadual de Londrina – UEL

LONDRINA, ___/___/___.

AGRADECIMENTOS

Ao meu querido orientador, Oswaldo Francisco Almeida Júnior pelo entusiasmo e amor para com a profissão, que contagia a todos;

A minha querida banca, Ivone Guerreiro Di Chiara e Sueli Bortolin, por participarem e contribuírem para com a finalização desta etapa na vida acadêmica;

Aos amigos cultivados nestes anos de preparação e de amadurecimento profissional, em que passei pela pequena Londres;

À minha família por todo amor e compreensão que me deram, possibilitando assim percorrer este caminho de formação pessoal e profissional;

À Júlio César Dias Gomes, pelos momentos agradáveis e desagradáveis, que me proporcionaram outra visão de mundo;

À Tabata Sapupara, que proporcionou diálogos e questionamentos *pientais*, contribuindo assim para novas descobertas.

Quem tem consciência para ter coragem
quem tem a força de saber que existe
e no centro da própria engrenagem
inventa a contra-mola que resiste
quem não vacila mesmo derrotado
quem já perdido nunca desespera
e envolto em tempestade, decepado
entre os dentes segura a primavera.

João Ricardo – João Apolinário

VIEIRA JÚNIOR, Nilson Carlos. **Uso de informação como forma de amenizar os preconceito acerca da homossexualidade**. Londrina, 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Estadual de Londrina.

RESUMO

A pesquisa tratou de levantar na literatura especializada a história da homossexualidade bem como sua trajetória no decorrer do desenvolvimento nos 500 anos de história do Brasil, o resgate dos movimentos gueis, iniciados na noite de 28 de junho de 1969 em Nova York e que deram origem ao dia da consciência homossexual no mundo e no Brasil. Assim, contextualizando o preconceito, o tabu e a discriminação no contexto social, que marginaliza o homossexual masculino em nossa sociedade, teve também como objetivo tratar do uso da informação como forma de amenizar os preconceitos e por meio da biblioteca e do profissional bibliotecário, criar mecanismos e serviços na biblioteca para contribuir com a desmistificação da homossexualidade na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: homossexualidade masculina; guei; uso da informação; preconceito; mediação da informação.

VIEIRA JÚNIOR, Nilson Carlos. **Use of information as form to brighten up the preconception concerning the homosexuality**. Londrina, 2005. Work of Conclusion of Course (University Degree) – State University of Londrina.

ABSTRACT

The research dealt with raising in specialized literature the history of the homosexuality as well as its trajectory throughout 500 years of history of Brazil, the rescue of gay movements, starting on June 28, 1969 in New York homosexual conscience world. Thus, context the prejudice, taboos and the discrimination in the social context, that marginizes the male homosexuals in our society also serve as reference to deal with the use of the information as a mean to brighten up the prejudice and throughout of the library and the professional librarian, to create mechanisms and services in the library which contribute with the demystification of homosexuality in society.

KEYWORDS: male homosexuality; gay; use of the information; preconception; mediation of the information.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
2 PROBLEMA	11
3 JUSTIFICATIVA	14
4 OBJETIVOS	16
4.1 Objetivo Geral	16
4.2 Objetivos Específicos	16
5 HISTÓRIA DA HOMOSSEXUALIDADE	17
5.1 Homossexualidade no Brasil	17
5.2 Formação dos Movimentos e Comunidades Gueis	21
5.3 Atuação das Minorias Gueis na Sociedade	23
5.4 Preconceito	25
5.4.1 Preconceitos, Tabus e Discriminações	26
5.4.2 Preconceitos com relação a orientação sexual	28
6 INFORMAÇÃO E MEDIAÇÃO	31
6.1 Uso de Informação	31
6.2 O Bibliotecário na Mediação	32
6.3 Informação e Preconceito	33
7 METODOLOGIA	38
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES DE ATIVIDADES	40
8.1 Serviços voltados à sociedade	40
REFERÊNCIAS	46
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	49
GLOSSÁRIO	53

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca propor uma forma de amenizar os preconceitos com relação ao homossexual masculino na sociedade contemporânea, por meio do uso e da disseminação de informação. Para isso, foi feito um levantamento na literatura acerca da história da homossexualidade no Brasil, da formação do movimento e das comunidades gueis de forma a compreender a atuação das mesmas na Sociedade.

Cabe ressaltar que neste trabalho utilizou-se a palavra textualizada “guei”, como terminologia em uso, visto que esta foi identificada na literatura e em jornais do meio. O seu emprego não altera seu significado original – da expressão popular nos Estados Unidos “gay” –, sendo este termo, “guei”, uma das formas de conquistas que caracteriza a identidade e a cultura guei no Brasil.

Outra parte que cabe ser mencionada é a construção de um glossário por meio da literatura e com termos relacionados direta ou indiretamente com o universo guei, com objetivo de esclarecer algumas dúvidas que pode o leitor encontrar.

Procurou-se contextualizar o preconceito, os tabus e as discriminações, no decorrer do desenvolvimento da sociedade brasileira e como estes se relacionam com a orientação sexual, diferente da heterossexualidade.

Caracterizando-se a informação e a mediação, houve a preocupação de determinar onde a participação do bibliotecário, como mediador, se faz necessária devido a sua atuação como intermediário.

Partindo-se do uso e disseminação de informações para homossexuais masculinos e também para a sociedade em geral, foram formuladas propostas de serviços nas bibliotecas como mecanismo que venha trabalhar no sentido de tornar esta sociedade justa, construindo assim a cidadania e o respeito com relação às diferenças no âmbito sexual.

2 PROBLEMA

Desde o nascimento e a identificação do sexo biológico, as crianças são educadas de acordo com o sexo, meninos vestem cor azul, brincam de bola e carrinho e não podem chorar ou demonstrar sensibilidade, já as meninas vestem rosa, brincam com bonecas, de casinha, podem chorar e demonstrar sensibilidade.

Levando-se em conta que por meio desta educação, estas crianças crescem tornando-se homens e mulheres que virão assumir determinado papel na sociedade, Fry e MacRae (1985, p.41) afirmam que, “Desde a mais tenra infância, meninos e meninas são educados para se portarem como homens e mulheres mais tarde”. Tendências contrárias ao padrão adotado pela sociedade, que manifestam certas pessoas de ambos o sexo biológico, tendem a sofrer algum tipo de repressão e também discriminação.

O preconceito para com a homossexualidade existe na sociedade brasileira, assim como em outras sociedades, atuando de forma controladora em maior ou menor escala, na vida de muitos homossexuais brasileiros.

Partindo-se destas relações, a sociedade utiliza como base alguns mecanismos de controle tais como: o Estado, a Igreja, a Família, a Escola, a Biblioteca e os Meios de Comunicação, por meio destes, assegura a “normalidade”, imposta na sociedade e que deve ser seguida por seus cidadãos. Ilustrado na fala de Macedo e Alexandre (2003, p.19), “a manutenção da opressão à homossexualidade tem suas origens nas regras e valores transmitidos por meio da religião, da moral, da educação, do direito e mesmo pela ciência [...]”.

Este preconceito discrimina e controla as diversas formas existentes de manifestações da diversidade sexual, contrárias a heterossexualidade, esta sim, sendo aceita, é determinada por meio da “história da humanidade” como sendo a única e a correta a ser seguida.

Na visão da igreja e da família, como forma de garantir a procriação, perpetuação da espécie e a manutenção, nestas regras, da constituição do núcleo familiar; na visão de mercado, de manter os padrões de consumo e garantir mão de obra no trabalho imposta com o adjunto da revolução industrial como forma de garantir os processos e manutenção do capitalismo.

A discriminação que atinge os homossexuais vem da repressão que a própria sociedade criou como forma de manter a chamada normalização dos relacionamentos. Normalização esta, causada pela aceitação dos tabus e uma infinidade de preconceitos, com o intuito de que predomine um sexo denominado sadio, mesmo que distante da satisfação incondicional dos desejos íntimos. Assim, a homofobia é produto da cultura (MACEDO; ALEXANDRE, 2003, p.19).

As diferenças são reprimidas e ridicularizadas, o que leva muitas pessoas a viverem com uma dupla identidade, presas ao medo de terem suas vidas expostas a chacotas e outras formas de discriminação, meios encontrados pela sociedade de preservar as normas e valores impostos às pessoas em um âmbito geral, não respeitando sua subjetividade.

A partir da revolução sexual ocorrida nas décadas de 60 e 70, grupos organizaram uma luta pela visibilidade, pelo respeito social, direitos de igualdade para todos entre outras reivindicações específicas de cada grupo; estes foram a princípio o Movimento Negro, o Movimento Feminista e o Movimento Guei.

O Movimento Guei passou a reivindicar seus direitos junto à sociedade, tendo como objetivos alcançar uma maior visibilidade e conseqüentemente a diminuição dos preconceitos e discriminações.

Após o aparecimento da AIDS no início da década de 1980, surgiram grupos gays e organizações políticas assim identificadas quase sempre ligados a militantes e organizações de assistência relacionados com a AIDS, que freqüentemente se definiam como de atendimento ao público em geral, mas nos quais muitos homens assumidamente gays desempenharam importantes papéis de lideranças – e através dos quais, pela primeira vez no Brasil, atividades formais destinadas a servir à comunidade homossexual foram fundadas e implementadas (PARKER, 2002, p.131).

Com o surgimento da AIDS no começo da década de 1980 – epidemia que matou e continua matando no mundo, houve uma maior visibilidade acerca da homossexualidade. É também neste período conturbado que se consolida a formação de Comunidades Gueis Organizadas com o objetivo de atender e esclarecer a sociedade acerca das dúvidas e falta de informações quanto a pandemia AIDS.

Neste contexto ressalta-se a atuação das Comunidades Gueis Organizadas – que trabalham com o uso da informação sobre saúde, voltadas a conscientização de indivíduos presentes na sociedade independente de sua orientação sexual – no âmbito das Doenças Sexualmente Transmissíveis ou DST.

Essas comunidades fazem uso de informação e conhecimento desenvolvidos por pesquisadores e estudiosos das diversas áreas sobre a diversidade sexual, contribuindo assim, para a diminuição das discriminações que geram os preconceitos na sociedade, num intuito de construir uma sociedade mais igualitária e democrática, difundindo assim conhecimento de forma acessível à população em geral.

3 JUSTIFICATIVA

O Brasil sendo um país de grande diversidade cultural, étnica, sexual, social, religiosa entre outras diferenças, tem na sua história e no decorrer de sua formação, lutas de diversos grupos sociais pela conquista da igualdade social, cidadania, saúde e direitos humanos. Segundo Parker (2002, p.135), “Como qualquer sociedade altamente complexa, o Brasil é uma espécie de colcha de retalhos de culturas e subculturas que parecem se cruzar e se entrelaçar no fluxo de vida diária”.

Destaca-se o grupo guei entre estes grupos sociais, que nas décadas de 80 e 90 organizaram-se com o objetivo de alcançar uma visibilidade maior na sociedade, discutindo questões acerca da homossexualidade, de saúde e dos direitos humanos, construindo conhecimentos e difundindo estes por meios de disseminação da informação, assim, democratizando-a para a comunidade e conseqüentemente para a sociedade.

Este trabalho visa um aproveitamento mais amplo do uso da informação e das formas de sua disseminação – que segundo Barros (2003, p.41), “significa, em alguma medida, divulgar, difundir, propagar, mediante condições e recurso de que se cerca o agente” – entre comunidades gueis organizadas e a sociedade brasileira, com o objetivo de contribuir para um melhor esclarecimento da diversidade sexual e de uma cultura guei, criando por meio do uso de informação, mecanismos que venham a amenizar os preconceitos e as discriminações para com este grupo.

Discutir o preconceito e a discriminação tem importância, pois a violência existe e atinge um grande número de gueis: Estatísticas mostram que a

cada três dias uma pessoa morre em decorrência de sua sexualidade, além de conviver diariamente com a intolerância dentro do lar, na rua, com colegas de estudo e trabalho.

Com base em uma série de levantamentos feitos a partir de notícias sobre a violência contra homossexuais publicadas em jornais brasileiros, os dados divulgados pelo movimento homossexual são alarmantes, revelando que nos últimos anos centenas de gays, travestis e lésbicas foram assassinados no País (CONSELHO, 2004, p.16).

Argumentos reforçam e justificam o uso da informação como forma de combate a violência, violência que geralmente obriga muitas vezes as pessoas de orientação sexual diferente da heterossexualidade, viver com uma certa vida dupla; entender e desmistificar os homossexuais, possibilita contribuir para a construção da cidadania, do respeito e da tolerância para com a diferença. Sendo assim, Gontijo (2004, p.66) reforça que “cidadania é um projeto [...] de respeito às diferenças, de entendimento dessas diferenças e da minha posição dentro dessas diferenças, para construir então, o respeito dessas diferenças”.

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

Propor atividades no âmbito da biblioteca e de seu espaço voltadas para a conscientização da sociedade acerca da diversidade sexual.

4.2 Objetivos Específicos

Resgatar a história e trajetória da homossexualidade no Brasil, como forma de entender os preconceitos, tabus e discriminações;

Conceituar o preconceito, o tabu e a discriminação, entre a relação homossexualidade versus falta de informação;

Analisar meios e mecanismos que o bibliotecário pode utilizar como mediador de informação da cultura guei, na sociedade.

5 HISTÓRIA DA HOMOSSEXUALIDADE

5.1. Homossexualidade no Brasil

Ao longo dos 500 anos da formação do país chamado Brasil, a homossexualidade reuniu por meio de elementos diversificados da cultura uma estrutura histórica. Com o choque cultural envolvendo crenças, costumes, valores morais e imorais, a formação deste país foi se desenvolvendo entre os povos: nativos indígenas, colonizadores portugueses e escravos negros.

Na cultura dos povos indígenas as pessoas não são classificadas por seu comportamento sexual e sim por uma estrutura de identidades sociais e sexuais construídas pela combinação do sexo biológico e dos papéis sexuais, geralmente nestas sociedades o homem tem o papel de caçar e coletar, tendo o arco como símbolo, já a mulher tem o papel de cozinhar, cuidar dos filhos e fabricar cestos e cordas, tendo o cesto como símbolo.

Sendo assim, a homossexualidade tem um caráter natural, sendo respeitado e valorizado dentro da comunidade; um homem que desempenhe o papel feminino torna-se homem-mulher, ou berdache, sendo aceito na comunidade pelo trabalho que está desempenhando.

Clastres, o antropólogo que estudou os guaiáqui, esta divisão sexual do trabalho é absolutamente rígida e simbolizada, sobretudo na associação dos homens com os arcos e as mulheres com os cestos. Cada um desses dois instrumentos simboliza dois 'estilos' de existência, ou seja, os homens caçam, as mulheres carregam (FRY; MACRAE, 1985, p.33).

Com a chegada dos colonizadores portugueses, ocorre um choque cultural com a população indígena habitante do "novo continente" confrontando-se com costumes bem diferenciados. Muitos tabus e preconceitos aparecem neste período vindo da cultura branca européia. Neste trecho da canção de Chico Buarque e Ruy Guerra (CHICO, 1989, p.106), "Não existe pecado do lado de baixo do

equador: vamos fazer um pecado rasgado, suado a todo vapor” fica caracterizada a visão europeia perante costumes indígenas observados, visão esta de que no continente recém descoberto, não haveria pecado.

No relato ao Rei de Portugal sobre o descobrimento do Brasil, o escritor Pero Vaz de Caminha (1985, p.98) descreve os índios, “não fazem o menor caso de cobrir ou mostrar suas vergonhas, e nisso são tão inocentes como quando mostram o rosto”. Segundo livres pensadores da Renascença, os índios eram humanos, sendo assim deveriam ser respeitados, porém para os comerciantes escravistas ou missionários, os índios não passavam de animais selvagens que deveriam ser domesticados ou doutrinados.

O que chocava mais os cristãos da época, sobre os habitantes do paraíso tropical, era a prática da “sodomia” – termo utilizado da passagem bíblica do Gêneses onde ocorre a destruição das cidades de Sodoma e Gomorra. Essa prática, como já mencionado, era comum e aceita como natural pelas comunidades indígenas.

Entre os escravos negros trazidos – mais de quatorze milhões, traficados durante aproximadamente quatro séculos de escravismo – de diversas partes do continente africano, havia representantes de diversas etnias, contrastantes estágios culturais, sociais, econômicos, políticos e religiosos. Possuíam uma característica diferenciada da visão branca europeia. Algumas destas etnias tinham a homossexualidade cultuada em cultos religiosos.

O primeiro travesti de nossa história, o negro Francisco, da etnia Manicongo, denunciado em 1591, [...], recusava-se usar roupa de homem: era membro de uma ‘confraria’ chamada quimbanda, composta por temidos feiticeiros praticantes do homoerotismo, muito respeitado nos reinos do Congo de Angola (MOTT, 2003, p. 18).

Uma das características marcantes da influência negra no Brasil, o candomblé, resgata a memória das raízes africanas, adaptando-se à realidade brasileira. Era de grande importância para os costumes e manutenção da tradição negra. Além disso, é também uma alternativa para muitos homossexuais, devido ao grande número de pais e mães-de-santo homossexuais. Não tendo, estes, preconceito com relação a homossexualidade, oferecem uma possibilidade de aceitação e respeito ao menos no âmbito dessa comunidade.

A Inquisição teve papel fundamental na prática da discriminação e condenação de diversas pessoas, tendo registrado muitos inquéritos e confissões. Segundo Trevisan (2002, p.129), as punições da Inquisição portuguesa variavam: flagelações, penitências, multas, trabalhos forçados, prisões perpétuas e morte na fogueira.

No caso brasileiro, devido a grandeza territorial da colônia e a falta de estabilidade da vida social, diminuiu-se a pressão social exercida pelo clero, impondo-se um ambiente de maior tolerância, onde muitos pecados brasileiros eram mais por malandragem, do que os contra a fé. Ainda segundo Trevisan (2002, p.137), nas visitas da Inquisição na Bahia, somando a primeira (1591) e a Segunda (1620), os crimes por sodomia aparecem em segundo lugar entre os mais praticados, perdendo apenas para a blasfêmia.

Com a Independência do Brasil, grandes transformações vêm de alguma forma amenizar os preconceitos para como os homossexuais. Com a promulgação de nossa primeira Constituição, em 1823, a homossexualidade deixa de ser crime que até então era punido com a morte.

Com a Independência do Brasil e a promulgação de nossa primeira Constituição, em 1823, sob influência modernizante do Código Napoleônico, a homossexualidade deixou de ser crime, não mais existindo, a partir de então, nenhuma lei restritiva ao homoerotismo,

a não ser a proibição de sua prática com menores de 18 anos (MOTT, 2003, p.19).

No decorrer da história brasileira, diversos personagens gueis destacam-se na sociedade, entre políticos, juristas, poetas, escritores, tendo a sua condição homossexual, influência positiva ou negativa em suas vidas. Fins do século XIX, a literatura ressalta a temática homossexual, com os escritores, Aluísio de Azevedo em 1890 – descreve cena entre mulheres no romance “O cortiço” – e Adolfo Caminha em 1895, que descreve o amor entre um marinheiro negro e um grumete branco, no livro “O bom crioulo” (TREVISAN, 2002, p.253).

Na literatura científica, várias teses abordam a questão homossexual, entre elas: Domingos Firmino Pinheiro com “O androfilismo” em 1898 e Pires de Almeida com “O homossexualismo: a libertinagem no Rio de Janeiro” em 1906, ambos com forte influência de teorias homofóbicas difundidas na Europa vitoriana.

Dessa forma as elites brasileiras apresentam-se de maneira defensiva com relação a homossexualidade, tendo nesta defesa os ideais da tradição patriótica e dos valores patriarcais como uma das formas de controle, reorganizando a moldura da repressão sexual na vida brasileira.

No conceito de elite estou aqui incluindo, para além dos óbvios donos do poder (político, econômico ou religioso), tanto a emergente nova burguesia, ansiosa por ascensão social, quanto o setor intelectual do país que, além de usufruir privilegiadamente do aparelho cultural, em geral é o que prepara os caminhos ideológicos de dominação da população mesmo quando invoca ideais e intenções progressistas (TREVISAN, 2002, p.157).

O século XX surge com grandes revoluções nos diversos campos das ciências e no avanço da tecnologia passando pelos horrores das duas grandes guerras mundiais.

Neste século a homossexualidade estigmatizada, passou do pecado religioso para a doença psiquiátrica. Goldberg (1988, p.73), ressalta que, por razões históricas o poder da Ciência substituiu o poder da Igreja, enquanto fonte de conhecimento; ondas de “moralismo científico” vieram sobrepor-se ao “moralismo religioso”.

É também neste século que começa a se desenvolver uma consciência dos direitos e da luta homossexuais, aparecendo o chamado Movimento Homossexual no Mundo.

5.2. Formação do Movimento Homossexual.

O Movimento em defesa dos direitos dos homossexuais fundado pelo médico Magnus Hirschfeld surgiu na Alemanha em 1897, com o “Comitê Humanitário e Científico”, de forma bastante tímida, tendo como principal objetivo a descriminalização da homossexualidade, devido ao artigo 175 do Código Penal daquele país, que punia o comportamento homossexual entre homens e o reconhecimento dos direitos civis dos homossexuais.

Somente depois da Segunda Grande Guerra, o movimento homossexual consolida-se, junto com o movimento *hippye* e o desenvolvimento da chamada contracultura veiculando também idéias de libertação sexual no fim da década de 60. Em parceria com uma nova militância negra e feminista, inicialmente a formação de grupos homossexuais se desenvolve na Europa e nos Estados Unidos espalhando-se depois em diversos países.

Diversos autores relatam o evento que marca o início do movimento homossexual, ocorrido na noite de 28 de junho de 1969, no bar chamado Stonewall

Inn, localizado na rua Christopher Street, área movimentada conhecida como gueto guei de Nova York, homossexuais constantemente agredidos e violentados em batidas policiais, rebelam-se, contra-atacando seus opressores durante um fim de semana.

Na década de 70, o movimento homossexual fortalece e toma formas, viriam na década seguinte com força para uma luta pela dignidade e respeito para com a diferença.

No Brasil, o movimento homossexual consolida-se em meados da década de 70 e começo da década de 80, com a fundação do “Jornal Lampião da Esquina” e do grupo SOMOS respectivamente na cidade do Rio de Janeiro e de São Paulo, justamente com uma abertura maior, que o país viveu, devido ao enfraquecimento da ditadura e também do desenvolvimento cada vez maior de uma subcultura guei em torno de uma identidade sexual.

[...] articulação de identidade sexual como um novo princípio de organização do universo sexual, que a idéia de um movimento homossexual ou , cada vez mais, movimento gay como uma estrutura distinta para a ação política começou a surgir no final da década de 1970 e início da de 80 e a tomar forma de modo mais nítido ao longo da década de 1990 (PARKER, 2002, p.71).

No começo o movimento teve algumas características:

- Abertura Progressiva: passando dos debates acerca da homossexualidade para um caráter social, protestos contra a discriminação;
- Ruptura dentro do movimento: onde homossexuais femininas dividem-se por falta de identificação;
- Consciência das armadilhas com que o sistema vigente ameaça a identidade do movimento, como exemplo, a massificação.

O movimento homossexual estruturou-se no combate a discriminação e represálias sofridas por diversos segmentos da sociedade e na reivindicação dos direitos civis e da cidadania. No campo das idéias progressistas, o movimento homossexual entre outros movimentos minoritários, busca o direito à diferença, num sentido de respeito à singularidade, especificidade e do reconhecimento da diversidade humana.

Com o surgimento da AIDS, alguns grupos pertencentes ao movimento homossexual transformam-se, para se caracterizarem na disseminação de informação e prevenção, voltada ao combate desta epidemia.

[...] analisar o Grupo como uma organização de cidadãos conscientes, que luta contra o preconceito, e mais do que isso, que está engajada em campanhas sociais que não envolvem unicamente o homossexualismo, além de praticar atividades com relação à prevenção de DST's e AIDS [...] (FURTADO, 2005, p.1).

A princípio, pela falta de informação sobre a doença, a AIDS gerou desinformação e pânico entre os homossexuais, que passou a ser o primeiro grupo a sofrer com a doença. Assim, com o surgimento da AIDS, esta contribuiu com o aumento do preconceito e também com uma maior visibilidade homossexual junto a sociedade, que passou a discutir a homossexualidade. Muitos grupos até então existentes, dissolveram-se para atuar em Ongs voltadas a conscientização e prevenção da AIDS.

5.3. Atuação das Minorias Gueis na Sociedade

A partir de grupos formados, as minorias gueis conseguem por meio de mobilizações e de reuniões de mais de 16.000 assinaturas, retirar da documentação do Conselho Federal de Medicina a classificação da homossexualidade como desvio e transtorno sexual.

No Brasil não foi diferente, pressionados por muitas moções científicas e mais de 16.000 assinaturas, o “Movimento Homossexual Brasileiro” conseguiu que em 9 de fevereiro de 1985 o Conselho Federal de Medicina decretasse sem efeito o código 302 da Classificação Internacional de Doenças da OMS, que rotulava a homossexualidade como desvio e transtorno sexual (MACEDO; ALEXANDRE, 2003, p.17).

Outras formas de atuação destas comunidades vêm por denúncias de violência, usando do levantamento de notícias sobre a violência contra homossexuais que são publicadas em jornais brasileiros. Estes dados divulgados pelo movimento homossexual, revelam que neste universo de diversidade sexual, gueis, lésbicas e travestis, foram assassinados no país. As comunidades atuam, também, na busca da defesa dos direitos humanos, resguardado a todos os cidadãos.

Estas comunidades, além disso, oferecem um espaço que não se limita a redes de amizades, bares, boates, restaurantes e saunas, mas sim a um conjunto de instituições que representam os sentimentos compartilhados entre os homossexuais contribuindo para a afirmação de uma identidade guei.

Segundo Kates apud Nunan e Jablonski (2002, p.2), comunidades são definidas como um grupo de indivíduos que possuem um vínculo comum que os distingue de outros indivíduos, onde compartilham uma relação social, conhecida por eles, que pode ser anônima ou não.

Entre as mobilizações, algumas se destacam – talvez pela sua visibilidade – como as paradas gueis nas capitais e em grandes cidades do país, que têm como objetivo dar visibilidade social e fomentar a criação de políticas públicas para homossexuais. Estas paradas, a cada ano, tornam-se maiores em público, reunindo todas as nuances da diversidade sexual e contando também com a participação a cada ano de um grupo maior de simpatizantes.

As paradas têm um caráter de uma grande festa, que ocupa espaços públicos com a idéia de troca com outros segmentos da sociedade, de elevar a auto-estima homossexual e de proporcionar à sociedade o convívio pacífico com a diferença.

Percebe-se que ao longo deste trabalho de conscientização e educação para com o respeito à diversidade e à diferença, tem-se gerado alguns pontos positivos, assim contribuindo para amenizar os preconceitos. Juntos, neste momento, os homossexuais ajudam a construir e garantir a plenitude de seus direitos na sociedade.

5.4. Preconceito

Para entender o preconceito temos que buscar referências nas características sociais impostas e construídas na sociedade distinguindo conceitos como gênero, estereótipos e sexismo, ressaltado no texto “Pode ser diferente” (2000?, p.63).

- Gênero: definido como o sexo socialmente construído, por meio da sociedade pelos mecanismos de socialização e o Estado pelas leis, forma-se homens e mulheres com papéis bem definidos do comportamento masculino e feminino aceito;
- Estereótipo: conceito próximo do preconceito, que pode ser definido como uma forma de modelo rígida e sem nome, que reproduz sem consciência crítica, de forma automática, imagens ou comportamentos;

- Sexismo: aplicado às diversas formas de discriminação baseadas no sexo por imagens, atitudes, comportamentos e estereótipos discriminatórios.

O uso de idéias prontas, ou seja, o uso de estereótipos, muitas vezes recebidas sem um questionamento crítico, leva-nos a assumir certos valores, atitudes e comportamentos que desvalorizam e discriminam os que consideramos diferentes de nós. Estas idéias nos são postas como verdades que sempre existiram e continuaram a existir de forma rígida e sem mudanças.

Os preconceitos estão de certa forma enraizados na cultura ocidental, que pela expansão do Cristianismo como religião dominante, desenvolveu e disseminou a discriminação contra os homossexuais de maneiras elaboradas, onde a prática da homossexualidade começou a ser não somente condenada pela sociedade, como também punida.

Pode-se entender o preconceito também como uma representação social, ressaltado por Rangel (2005, p.1), como sendo um conhecimento constituído de conceitos e imagens sobre pessoas, papéis sociais e estruturas do cotidiano, entendido também como uma construção social historicamente formada, que tende a atender uma determinada classe ou grupo social, sendo o preconceito, neste caso, camuflado.

5.4.1 Preconceitos, tabus e discriminações

O preconceito como sendo algo natural e inerente ao convívio entre pessoas ou grupos sociais, pode ser definido a partir da própria palavra: temos um "pré" e um "conceito" anterior relacionado a algo ou a alguém sem conhecer as suas

verdadeiras características ou qualidades. Picazio (1998, p.99) ressalta preconceito como, “um pré-julgamento, um sentimento ou resposta antecipado a coisas ou pessoas, portanto não se baseia em experiências reais”.

Existem duas linhas de pensamento que podem trazer uma melhor compreensão acerca do preconceito, descritas por Picazio (1998, p.99).

Uma acredita em um preconceito “natural”, envolvendo dois ou mais grupos distintos, em contato uns com os outros e tendo choque entre seus códigos morais e éticos, estes tentariam por meio de competições demonstrar o quanto seus valores seriam os certos e os verdadeiros.

Outra linha presume que o preconceito seja “adquirido” ao longo do convívio com outros membros da sociedade, existindo em função de uma aprendizagem, que justificaria por meio de um sistema de valores pessoais e/ou coletivos, baseados em ideologias, opiniões e “achismos”, assim tomando estes conceitos como verdade.

Tabu: proibição convencional imposta por tradição ou costume a certos atos, modos de vestir, agir, tema, palavras, etc., tidos como impuros, e que não pode ser violada, sob pena de reprovação e perseguição social, possuindo valor absoluto para a cultura da época em que se vive.

Picazio (1998, p.98) ressalta que o tabu, “[...] serve direta ou indiretamente, para manter a forma de pensar e agir da sociedade”.

Quanto a discriminação, esta é uma forma de expressar na prática ações do pensamento preconceituoso. Constitui-se como a diferenciação de tratamento de forma injusta e ofensiva à dignidade da pessoa como ser humano de forma também a atingir seus direitos. Macedo e Alexandre (2003, p.41) entendem a discriminação como sendo “toda distinção, exclusão, restrição ou preferência que

tem por objeto ou por resultado anular o reconhecimento, gozo ou exercício em condições de igualdade, dos direitos humanos e liberdades fundamentais”.

Também definida segundo Riesenfeld (2002, p.211) como “[...] ato de repúdio e separação de uma pessoa, por alguma característica que lhe é inerente”.

5.4.2 Preconceitos com relação à orientação sexual

Culturalmente herdamos de uma sociedade paternalista, uma figura machista, onde o homem assume papéis rígidos socialmente, não lhe sendo permitido demonstrações de afetividade, carinho, sensibilidade e tornando a pessoa efeminada em um objeto de desprezo, ridicularizando-a pelas suas demonstrações.

Estas regras são de certa forma mais cobradas e controladas com relação às crianças do sexo biológico masculino, tendo por meio da família os primeiros contatos, sendo geralmente o pai que exerce um poder de controle e de censura nos atos um tanto afetados, considerados não corretos de seus filhos, em acusações muitas vezes não compreendidas por eles. A mãe, por sua vez, assume um papel mediador permitindo que estas crianças encontrem nela, conforto e carinho.

Outros contatos com a repressão e o controle social, ocorrem no meio social, como a rua, os colegas, a escola, a igreja, o clube, a mídia, enfim outras instituições vigentes na sociedade.

Geralmente, o contato com os preconceitos acerca da orientação sexual do indivíduo acontece na fase da adolescência, momento em que o jovem está envolto com mudanças no corpo e, pela grande quantidade de hormônios

produzidos nesta fase, passa a ter o deslumbre do que vai ser o seu objeto de desejo sexual – no caso do jovem homossexual: o Homem – sendo esta a fase onde o preconceito, o tabu e a discriminação, são vivenciados de forma traumática, com sentimentos de culpa, pensamentos suicidas, pelo medo e pela busca da aceitação.

Para nossa discussão, vale lembrar as Histórias em Quadrinhos (H.Q.) dos personagens do Universo Marvel: os X-Men. Estes personagens, normais até a adolescência, descobrem “super poderes” e, também, o preconceito e a discriminação pelas pessoas sem “super poderes” tidas como maioria nesta sociedade. Estes personagens vêm-se acudados pelo medo devido a diferença, lutando assim por um mundo de respeito e igualdade, em busca constante da paz.

[...] as aventuras do grupo de super-heróis conhecido por X-Men3, que além de possuir superpoderes, como tantos outros, fazia parte de uma minoria (mutantes) que se organizava para derrotar vilões e enfrentar seu maior inimigo: o preconceito. Os mesmos eram estigmatizados e perseguidos pelo fato de serem diferentes dos demais seres humanos (FERREIRA, 2003, p.12).

Entre estes conflitos pessoais e sociais, muitas pessoas tendem a reprimir, esconder seus sentimentos e muitas outras a assumir e lutar pelo respeito e pela dignidade de ser o que é na sociedade.

Assim sendo, com relação aos preconceitos referentes à orientação sexual, o atual governo formula e cria um Conselho Nacional de Combate à Discriminação (CNCD), sendo uma instância plural, com participação de diferentes instituições governamentais e não governamentais, que tem como iniciativa promover a cidadania de homossexuais, com bases fundamentais na ampliação e no fortalecimento do exercício da cidadania no Brasil.

Esta iniciativa se deve pelo reconhecimento à trajetória de milhares de brasileiros que desde os anos 80 dedicam-se a lutar pela garantia dos direitos

humanos dos homossexuais. Este programa tem como objetivo a educação e uma das metas a se atingir é a disseminação de informações.

6 INFORMAÇÃO E MEDIAÇÃO

6.1 Uso da Informação

O uso da informação por membros do movimento e de entidades homossexuais, é importante como forma de contribuir para o crescimento e desenvolvimento de uma sociedade mais informada acerca das diferenças e singularidades existentes entre as pessoas, no âmbito social, afetivo e sexual.

Sendo a informação um bem comum a todos os cidadãos, atua como fonte de integração entre as camadas sociais, na democratização, na igualdade dos direitos e diferenças e também através de um caráter educativo, transformando assim o meio social e cultural.

O art. 5º, inciso XIV da Carta Magna, que diz: “É assegurado a todos o acesso à informação...”. A informação é, portanto, direito de todos. É um bem comum, que pode e deve atuar como fator de integração, democratização, igualdade, cidadania, libertação, dignidade pessoal. Não há exercício da cidadania sem informação (TARGINO, 1991, p.155).

É preciso lembrar a importância na democratização da informação para a sociedade em geral, afim de possibilitar de forma variada condições com que a população possa adquirir e ter acesso à informação, permitindo assim que esta, por meio do acesso e do uso, desenvolva mecanismos que venham a gerar e produzir, não só informação, como também mais cultura.

O prioritário é democratizar a informação; o primordial é possibilitar de todas as maneiras, condições para o acesso da comunidade à informação, permitindo, principalmente, que ela possa também, gerar e produzir, não só informação, mas cultura, veiculando seus interesses, suas idéias, suas propostas, suas soluções (ALMEIDA JÚNIOR, 1989, p.8).

Assim, a biblioteca deve servir como um permanente espaço público de informação, tendo como prática o acesso aos mais diversificados bens culturais,

como forma de análise e de crítica, fugindo da imposição até então conhecida historicamente, e aberta para a criação de novos discursos no cotidiano do indivíduo e de seu meio.

Pela utilização do uso de informação, Comunidades Gueis no Brasil, podem por meio delas, desenvolver mais políticas que venham a amenizar os preconceitos e a falta de informação, tendo no profissional bibliotecário, um aliado nesta mediação.

6.2 Bibliotecário e a Mediação

O bibliotecário tem como objeto de sua profissão a informação, assim este profissional pode agir como catalisador e difusor do conhecimento dentro da comunidade que o cerca, utilizando deste potencial político e contribuindo assim, como um agente de mudanças sociais, ressaltado por Targino (1991, p.157), que afirma que “é urgente transformar o Bibliotecário em instrumento de democratização da informação”.

Tendo assim o profissional da informação uma característica de intermediário, que segundo Milanese (2002, p.88), poderia ser entendido como “um analista das necessidades de informação, intermediário entre ela e o sujeito no mundo”.

Nos Estados Unidos, a primeira organização de profissionais do movimento guei foi segundo Fairchild e Hayward (1996, p.140) a, “Associação de Força Homossexual das Bibliotecas Americanas”. Teve início no começo da década de 70, e contou com a ajuda financeira do departamento de ativismo social da Associação de Bibliotecas Americanas (ALA), esta organização trabalha para

manter, circular e atualizar bibliografias de literatura e de estudos gueis, para uso no catálogo das bibliotecas norte americanas.

Em uma biblioteca, o bibliotecário poderia atuar como mediador e comunicador de informações que venham possibilitar uma reflexão a respeito da homossexualidade na sociedade que o cerca. Muller (1990, p.19), ressalta que “[...] a comunicação sendo uma entidade de largo espectro, pode ser processado através dos mais variados meios e contextos simbólicos [...] a comunicação entre biblioteca e os públicos não se efetiva [...] apenas pelos serviços [...] mas também pelo pessoal que nela atua”.

Tendo como tema do homoerotismo, o profissional da biblioteca e os locais onde atua deveriam desenvolver atividades culturais, tais como: exposição de obras literárias, exposições de quadros, esculturas, poesia de artistas locais ou nacionais, teatros, músicas, entre outras atividades, de acordo com a realidade de cada biblioteca.

Estas atividades poderiam ser feitas próximo ao dia do Orgulho Guei, 28 de junho, sendo uma forma de trabalhar com a diferença na sociedade.

Utilizando-se da disseminação de informação o bibliotecário contribuiria assim para a construção de uma sociedade mais igualitária, amenizando os preconceitos, reforçando a idéia do uso da biblioteca como fonte de informação por todos os membros de uma sociedade diversificada.

6.3 Informação e Preconceito

Pelo estudo da teoria da informação, entende-se a informação como uma medida de redução de incertezas, sobre determinado assunto e estado de

coisas, por intermédio de uma mensagem. Sendo assim, segundo Figueiredo (1994, p.77), “[...] a informação é um dos recursos básicos para o desenvolvimento em qualquer campo do conhecimento e da atividade humana”.

No decorrer dos tempos a sociedade desenvolveu e veiculou diversos tipos de informação como forma de assegurar o desenvolvimento e aperfeiçoamento da mesma. Tendo a informação um caráter informativo, deve assegurar o entendimento da realidade que cerca o cotidiano das pessoas, permitindo o conhecimento e a vivência das mais diversificadas formas de existência.

Percebe-se que mesmo o preconceito acerca da homossexualidade, sendo algo culturalmente enraizado na sociedade ocidental, não impediu as transformações ocorridas no decorrer da história da sociedade, que demonstram uma certa abertura para a tolerância e para o respeito as diferenças.

Esta abertura se deu devido a diversos fatores, entre estes, o desenvolvimento dos meios de comunicação, que de forma veloz dissemina informações de caráter positivo e/ou negativo acerca da homossexualidade. Como exposto anteriormente foi com o aparecimento da epidemia AIDS, que de forma devastadora abriu espaço para a discussão na sociedade acerca da doença e do primeiro grupo até então atingido, os homossexuais.

Inicialmente identificada, no imaginário social, como uma ‘doença gay’ – provocando o aparecimento de expressões como ‘câncer gay’ ou ‘peste gay’, carregadas de preconceito e verdadeira animosidade – ela foi, pouco a pouco, sendo reconhecida como capaz de atingir os mais diferentes grupos sociais [...] (PEREIRA, 2004, p.54).

Mesmo com estas características que veiculam a informação, o preconceito e a falta de informação atuam de forma a favorecer a discriminação, no grupo minoritário dos homossexuais.

Sendo o preconceito um pré-julgamento, um sentimento ou uma resposta antecipada acerca de alguma coisa ou de algumas pessoas, esta, portanto, tende a não se basear em experiências reais vivenciadas. Entendendo também que o preconceito como uma característica adquirida, segundo Picazio (1998, p.99), “[...] existiria em função de um processo de aprendizado justificado por um sistema de valores pessoais ou coletivos, baseado em ideologias, opiniões e ‘achismos’ tomados como verdade”.

Partimos da idéia que por meio de um conhecimento adquirido pela vivência ou pelos estudos, as pessoas possam discernir e opinar a respeito de determinado assunto, neste caso a homossexualidade.

Cabe refletir acerca dos instrumentos utilizados pelo bibliotecário assim como sua suposta neutralidade e imparcialidade, visto este também estar exposto a tabus e preconceitos.

[...] “mito da neutralidade” porque o bibliotecário, assim como qualquer outro tipo de profissional, não é neutro, apolítico, por mais que o queira ser. Sua experiência de vida, seu repertório, estará presente em todo o seu trabalho (LIMA, 2004 p.19).

O instrumento pensado refere-se à Classificação Decimal Universal, ou mais conhecida apenas como CDU, idealizada por Otlet e La Fontaine e entendida por Souza (2002, p.25) como “[...] uma linguagem de indexação e de recuperação de todo o conhecimento registrado e na qual cada assunto é simbolizado por um código baseado nos números arábicos”.

Na área da Biblioteconomia esse trabalho faz parte da classificação que é segundo Souza (2002, p.11) “[...] o processo de reunir coisas, idéias ou seres, em grupos, de acordo com o seu grau de semelhança”.

A homossexualidade está representada pelos seguintes números: 613.885 e 616.89-008.442.36, extraídos do volume dois da CDU – índice. Para

melhor ilustrar o percurso e os significados destas numerações, coube transcrever do volume um da CDU, segunda edição, impressa no ano de 1987:

A) 613.885 e seu significado na CDU:

- 600 – Ciências Aplicadas. Medicina. Tecnologia;
- 613 – Higiene em Geral. Saúde e Higiene pessoal;
- 613.88 – Higiene Sexual, Educação Sexual, Vida Sexual;
- 613.885 – Ambivalência Sexual, Intersexualidade, Homossexualidade.

B) 616.89-008.442.36 e seu significado na CDU:

- 616 – Patologia, Medicina Clínica;
- 616.89 – Psiquiatria, Psiquiatria Patológica, Psicopatologia, Frenopatias, Psicoses, Anormalidade Mental, Estados Mentais Morbosos, Distúrbios Emocionais e do Comportamento;
- 616.89-008 – (subdivisões auxiliares especiais), Distúrbios Mentais e seus Sintomas, Semiologia Psiquiátrica, Sintomatologia das doenças mentais;
- 616.89-008.442 – Psicopatologia Sexual, Anomalias Psicosexuais, Desvios, Perversões Sexuais, Erotomania, Satiríase, Ninfomania;
- 616.89-008.442.3 – Desvios, Perversões Sexuais;
- 616.89-008.442.36 – Inversões Sexuais, Homossexualidade, Bissexualidade. Atos homossexuais masculinos e femininos. Tribadismo, Sodomia etc.

Cabe repensar uma classe mais apropriada visto que a homossexualidade como já mencionado no texto, deixou de ser considerada uma

patologia, o que a nosso ver deve ser lembrado, visto a natureza deste trabalho. Como forma de evitar e/ou ressaltar o preconceito, neste caso apresentado e intrinsecamente ligado a esta pesquisa, fica a proposta para a elaboração de novos trabalhos sobre este aspecto.

7 METODOLOGIA

Esta pesquisa busca compreender como por meio do uso da informação pode-se amenizar os preconceitos, os tabus e as discriminações, evidenciados na sociedade contemporânea, para com o homossexual masculino.

Utilizou-se da pesquisa bibliográfica, com intuito de levantar e analisar na literatura o que já foi produzido e/ou relacionado sobre o tema.

[...] pesquisa bibliográfica consiste no exame desse manancial, para levantamento e análise do que já se produziu sobre determinado assunto que assumimos como tema de pesquisa científica (RUIZ, 1996, p.58).

Num primeiro momento levantou-se por meio de diversos textos de autores que abordavam a temática da homossexualidade masculina, assim como a história da homossexualidade, o preconceito com relação a orientação sexual, o homossexual masculino e as nuances da sexualidade. Estes temas foram encontrados de forma abundante na área que congrega as ciências humanas, em especial na antropologia, na sociologia e na jurídica e, dentro da área das ciências biológicas, na psicologia.

Em um segundo momento fez-se necessário buscar na área da ciência da informação, autores da Biblioteconomia que escrevem acerca dos assuntos pertinentes a realização desta pesquisa como: uso de informação; textos sobre a biblioteca e o profissional bibliotecário; os serviços e atividades desenvolvidos em espaços informacionais; definições de informação, etc. Assim, por meio deste material bibliográfico foi possível desenvolver o trabalho.

Utilizando-se da pesquisa bibliográfica, sobre a qual Cerro e Bervian (1996, p. 49) destacam que “a pesquisa observa, registra, analisa e correlaciona

fatos ou fenômenos sem manipula-los”, a presente pesquisa teve o movimento social, neste caso o homossexual, como tipo de estudo, inicialmente elaborando uma busca de material bibliográfico na literatura, visando uma compreensão melhor do tema e do problema a ser pesquisado.

Tendo encontrado meios bibliográficos e outras fontes que subsidiassem a pesquisa, que segundo Marconi (2001, p.43) “toda pesquisa implica o levantamento de dados de variadas fontes”, houve a reflexão de serviços a serem desenvolvidos na biblioteca, com o objetivo de amenizar os preconceitos na sociedade, tornando esta com aspectos participativos junto a gueis, para que assim seja possível construir juntos uma sociedade mais justa e igualitária com respeito as diferenças.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES DE ATIVIDADES

8.1 Serviços voltados para a sociedade

Na sociedade a atuação da biblioteca e de seus profissionais busca atender as necessidades de informação e de conhecimento da comunidade, desenvolvendo trabalhos. Segundo Mueller (1986, p.1), “Todo trabalho realizado na biblioteca tem como objetivo fornecer aos membros da comunidade por ela servida acesso à informação e/ou aos documentos que a contenham”.

Cabe ilustrar o relato de Figueiredo (1996, p.108), sobre o período conturbado vivido nos Estados Unidos na década de 60, em que grandes mudanças ocorreram em todo o país, assim como em suas bibliotecas, que reavaliando e mudando seus conceitos, ressaltam a “responsabilidade social de servir a todas as pessoas”.

O que motivou as bibliotecas americanas a iniciarem serviços de informação que foram chamados de *Information e Referral (I.& R)*, foram os objetivos de servir na época as necessidades da comunidade, assim como de oferecer serviços de informação a grupos da comunidade.

Sendo assim, é importante e necessário refletir sobre serviços de informação que venham a atender a comunidade bem como os mais diversos grupos particulares desta comunidade, entre eles o caso do grupo de homossexuais masculinos, proporcionando a criação de demanda por informação que venha a amenizar os preconceitos, além de ampliar o campo de atuação da biblioteca e do profissional bibliotecário de forma ativa na sociedade.

[...] dois tipos básicos de serviços de informação pública: o passivo que procura atender à demanda existente, e o ativo, aquele que aventura-se pela criação de demanda, abrindo um campo vasto que exige uma interação intensa com a coletividade (MILANESI, 2002, p.75).

O trabalho destes profissionais visa não só a parte técnica da Biblioteconomia, como a classificação, catalogação, organização entre outros - de certa forma caracterizando, no âmbito da biblioteca pública, esta como sendo tradicional - mas também atender as mais variadas necessidades de informação da comunidade, empregando os mais diversificados suportes e atividades, podendo assim ser agentes de transformação social.

O excesso de preocupação com os trabalhos técnicos das bibliotecas; o cuidado com a preservação e a reunião de grandes quantidades de materiais; a seleção descuidada e restrita a doações aleatórias; o direcionamento dos trabalhos apenas para a leitura; a ênfase no livro e o seu entendimento como a única forma de transmissão de cultura [...] configuram, rapidamente, a biblioteca pública tradicional (ALMEIDA JÚNIOR, 2003, p.23).

A idéia é trabalhar com o uso de Informação nos mais diversos meios e/ou suportes visto que, segundo Pimenta (1991, p.1108), informação, “[...] deve ser pensada em diferentes contextos e deve ser vista como fator essencial para o exercício pleno da cidadania”.

Informar acerca do universo guei e suas nuances é um meio de possibilitar ao cidadão contato e referências de forma desestereotipada do homossexual masculino, contribuindo assim para uma sociedade mais justa e igualitária, preservando o direito a diferença.

Para que tal transformação venha a contribuir com um trabalho de desmistificação do homossexual masculino na sociedade visto ser este um dos objetivos deste trabalho, propõe-se diversas atividades culturais e recreativas, desenvolvidas no espaço da biblioteca de forma democrática, que venha a atender não só o público guei, mas sim, toda a comunidade. As atividades propostas podem ser assim elencadas e descritas nas próximas páginas.

- Serviço de referência informacional especializado;

- Exposições de livros, filmes, artes (quadros e esculturas), música e teatro;
- Empréstimos de pessoas;
- Palestras e painéis, com temas variados ligados direta ou indiretamente ao homoerotismo.

Estas atividades de conscientização para sociedade, devem ser desenvolvidas, prioritariamente, no mês de junho, pois no dia 28 é comemorado no mundo, o “Dia do Orgulho Guei”, marco do movimento organizado para o alcance da cidadania e do direito a diferença.

O serviço de referência informacional a ser desenvolvido, tem como característica ser um canal de informação utilitária acerca da homossexualidade e do universo que a envolve, visando informar por meio de um número telefônico e/ou por e-mail, as mais diversas necessidades tanto para gueis quanto para outros membros da sociedade.

Assim para um uso efetivo deste serviço, tem-se a necessidade de utilizar diversos suportes como fontes não convencionais, de suma importância que geralmente o bibliotecário não utiliza. Que segundo Figueiredo (1996, p.122), seria “Um detalhe importante é que este serviço exige suporte baseado em fontes não convencionais altamente relevantes e geralmente não utilizadas pelo bibliotecário”.

Figueiredo (1996, p.122), lembra ainda que como uma fonte primeira deste serviço, que reuniria em um arquivo informações pertinentes ao universo guei e que atenderia a toda comunidade, teríamos: nomes de especialistas e/ou técnicos, dispostos a oferecer seus serviços e a fornecer diversos tipos informações; listas de serviços prestados por agências do governo.

Como outros exemplos podemos citar: listas de livros sobre a temática homossexual que venham a contribuir para um melhor conhecimento do assunto; listas de ONG's, associações, grupos de pesquisa, grupos de apoio, que tratam dos mais diversos assuntos relacionados ao mundo guei; canais de informação sobre direitos, saúde, denúncias contra discriminações entre outros, que o usuário possa necessitar.

Com relação a exposições de livros, filmes, artes (quadros e esculturas), música e teatro, este serviço de característica cultural, visa aproximar a sociedade de temas relacionados com o homoerotismo presente nas belas artes.

Outra característica das exposições é o fato de que serão abertas por uma pessoa especializada que de forma introdutória abordará o assunto referente a exposição, de forma educativa e com conteúdos que venham a contextualizar os participantes aos temas abordados.

Com relação a apresentação de teatro e de música, o bibliotecário poderá, por meio de contatos com grupos teatrais e com grupos musicais da própria comunidade, diversificar as apresentações culturais de acordo com a proposta deste trabalho com temas do universo guei disponibilizando um local na biblioteca ou de acordo com seu espaço, bem como manter esta proposta de apresentação como permanente, abordando assim outros temas de necessidade para a comunidade.

Empréstimos de pessoas: um trabalho chamado de Biblioteca Viva, foi apresentado no *Roskilde* Festival de 2000 na Dinamarca, tendo este projeto sua realização na Dinamarca, Noruega, Portugal e Hungria.

Desenvolvido em uma biblioteca na Suécia, tem como objetivo – segundo o texto “Na Suécia” (2005, p.1), reportagem veiculada pelo jornal O Estado de São Paulo, versão on-line “uma nova perspectiva sobre a vida” - combater certos

preconceitos sobre determinados assuntos, “visto que não apenas livros são julgados pela capa”.

A apropriação desta proposta, visa oferecer uma oportunidade diferente aos usuários, sendo assim de certa forma uma maneira diferenciada de amenizar os preconceitos com relação a homossexualidade, assim a biblioteca terá no mês de junho, durante a semana, especialistas que trarão nuances da diversidade sexual assim como pessoas que direta ou indiretamente estão relacionadas com o preconceito e a discriminação.

Pessoas para atuarem como “livros vivos”: durante uma hora conversarão com usuários. Tais pessoas são representantes das comunidades gueis, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais, além de pais de filhos(as) gueis, filhos(as) com pais gueis, religiosos, *skinheads*, michês, *Drag Queen* entre outros.

Palestras e painéis com temas variados ligados direta ou indiretamente ao homoerotismo, tratarão de forma educativa, com profissionais especializados, das mais diversas áreas do conhecimento.

Esta proposta tem como objetivo tratar de temas relacionados ao universo guei, de forma que poderá se conhecer melhor este universo, sem os “achismos” ou o senso comum que muitas vezes vêm carregados de preconceitos, tabus e discriminações.

Visto que no serviço de referência informacional o bibliotecário contará com listas de grupos e de profissionais ligados a temas de interesse do universo guei e de interesse da sociedade, estes profissionais poderão dentro de um espaço cedido na biblioteca, ministrar suas palestras proporcionando assim um *feedback* entre o atendimento do indivíduo e do grupo, valorizando assim o espaço

da biblioteca como forma alternativa de desenvolvimento de outras atividades a ela pertinentes.

Assim como conhecer a comunidade e suas necessidades, visto que por meio destas atividades valoriza-se a biblioteca além de seus profissionais, trabalhando com mecanismos de informação que venham a contribuir com o desenvolvimento de uma sociedade, mas preparada a encarar e buscar entender suas nuances e diferenças

Oferece-se, assim, mais uma oportunidade às bibliotecas públicas brasileiras no sentido de se valorizarem e aos seus profissionais, cumprindo, ao lado de sua inestimável missão cultural, educacional e recreativa [...] (FIGUEIREDO, 1996, p.124).

Todas estas atividades objetivam contribuir com um melhor esclarecimento social, pensado de forma crítica e responsável, acerca da homossexualidade e suas nuances. Sendo que a proposta deste trabalho foi de abrir novos olhares para futuras pesquisas, visto que o assunto pode ser tratado e trabalhado de diversas formas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. **Biblioteca pública: avaliação de serviços**. Londrina: Eduel, 2003.

_____. A bonicidade do livro e a democratização da informação: balelas bibliotecárias I. In:_____. **APB Boletim**, São Paulo, v.5, n.3, p.6-8, nov./jan. 1989.

BARROS, M. H. T. C. **Disseminação da informação: entre a teoria e a prática**. Marília: s.n., 2003.

CAMINHA, P. V. de. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Porto Alegre: L&PM, 1985.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. 4.ed. São Paulo: Makron Books, 1996.

CHICO Buarque: letra e música. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.106.

CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil sem homofobia: programa de combate à violência e à discriminação contra gays, lésbicas, bissexuais e transexuais (GLBT) e promoção da cidadania homossexual**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

FAIRCHILD, B; HAYWARD, N. **Agora que você já sabe: o que todo pai e toda mãe deveriam saber sobre a homossexualidade**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

FERREIRA, D. R. de S. **Ousar dizer o nome: movimento homossexual e o surgimento do GRAB no Ceará**. 2003 70f. Monografia (Bacharel em Serviço Social) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.

FIGUEIREDO, N. M. **Tópicos modernos em ciência da informação**. São Paulo: Centro Cultural Teresa D'Ávila, 1994.

_____. **Textos avançados em referência e informação brasileira**. São Paulo: Polis: APB, 1996.

FURTADO, E. **Homossexualidade e mídia**. Disponível em: <<http://geocities.yahoo.com.br/rosavglts/temag.htm>>. Acesso em: 08 jun.2005.

FRY, P.; MACRAE, E. **O que é homossexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 1985.

GOLDBERG, M. A. A. **Educação sexual: uma proposta, um desafio**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 1988.

GONTIJO, F. Imagens identitárias homossexuais, carnaval e cidadania. In: RIOS, L.. F. et al. (Org.). **Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde**. Rio de Janeiro: ABIA, 2004.

LIMA, T. P. **Função social do bibliotecário**: mediação da (des) informação. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Estadual de Londrina.

MACEDO, D. C. A.; ALEXANDRE, E. S. **Uma visão jurídica e social da homossexualidade**. Londrina: Ed.UEL, 2003.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MILANESI, L. **Biblioteca**. São Paulo: Atelié, 2002.

MOTT, L. R.B. **Crônicas de um gay assumido**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MUELLER, M. S. Comunicação, informação, biblioteca: uma abordagem integradora, um questionamento. **Rev. da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.19, n.1, p.7 - 23, mar. 1990.

MUELLER, S. P. M. **Origem dos serviços aos usuários**: módulo 8. Brasília: ABEAS, 1986.

NA SUÉCIA, projeto biblioteca viva "empresta" pessoas. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/divirtase/letras/noticias/2005/ago/19/125.htm> Acesso em: 11 out.2005.

NUNAN, A.; JABLONSKI, B. Homossexualidade e Preconceito: aspectos da subcultura homossexual no Rio de Janeiro. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 54, n.1, p. 21-32, 2002.

PARKER, R. G. **Abaixo do equador**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PEREIRA, C. A. M. O impacto da AIDS, a afirmação da "cultura gay" e a emergência do debate em torno do "masculino" - fim da homossexualidade? In: RIOS, L. F. (Orgs.). **Homossexualidade**: produção cultural, cidadania e saúde. Rio de Janeiro: ABIA, 2004. p. 52–62.

PICAZIO, C. **Sexo secreto**: temas polêmicos da sexualidade. São Paulo: Summus, 1998.

PIMENTA, A. L. N. et al. A informação como insumo do projeto de cidadania do povo negro: relatório de pesquisa e proposta de criação do centro de informações e memória da casa Dandara. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16., 1991, Salvador. **Anais...** Salvador: 1991. p.1108-1124.

PODE SER DIFERENTE: caderno sobre violência e discriminação/ Secretaria de Estado de Assistência. Projeto Centro Nacional de Formação Comunitária. Rio de Janeiro, [2000?].

RANGEL, M. **A violência do estigma e do preconceito a luz da representação social**. Disponível em: < http://www.arco-iris.org.br/_prt/dicas/arquivos/052004-02.doc>. Acesso em: 05 jun. 2005.

RICARDO, J.; APOLINÁRIO, J. Primavera nos dentes. Intérprete: Ney Matogrosso. In: **Secos e molhados**. São Paulo: Continental, p1973. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 5.

RIESENFELD, R. **Papai, mamãe, sou gay**: um guia para compreender a orientação sexual dos filhos. São Paulo: Summus, 2002.

RUIZ, J. A. **Metodologia científica**: guia para eficiência nos estudos. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

SOUZA, S. de. **CDU**: guia para utilização da edição-padrão internacional em língua portuguesa. Brasília: Thesaurus, 2002.

TARGINO, M. das G. Biblioteconomia, informação e cidadania. **Rev. da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.20, n.2, p.149-160, jul./dez. 1991.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AIRES, P.; BEJIN, A. (Orgs.). Reflexões sobre a história da homossexualidade. In: _____ **Sexualidade Ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 78-92.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. A AIDS e o bibliotecário: uma reflexão ético-sexual sobre a atuação do bibliotecário. In: _____ **Sociedade e Biblioteconomia**. São Paulo: Polis: APB, 1997. p. 85-88.

_____ **Biblioteca pública: avaliação de serviços**. Londrina: Eduel, 2003.

_____ **Biblioteca pública e bibliotecas alternativas**. Londrina: Eduel, 1997.

_____ A bonicidade do livro e a democratização da informação: balelas bibliotecárias I. In: _____ **APB Boletim**, São Paulo, v.5, n.3, p.6-8, nov./jan. 1989.

ARAÚJO, E. A. de. Centros de informação popular e o bibliotecário. **Revista ABC: Biblioteconomia em Santa Catarina**. Florianópolis, v.2, n.2, p.17-23, 1997.

BARROS, M. H. T. C. **Disseminação da informação: entre a teoria e a prática**. Marília: s.n., 2003.

BREGLIA, V. L. A.; GUSMÃO, H. R. A informação como fator de democratização. **Rev. Bibliotecon. de Brasília**, Brasília, v.14, n.1, p.09-25, jan./jun. 1986.

BOAVENTURA, E. M. **Metodologia Científica: monografia, dissertações e teses**. São Paulo: Atlas, 2004.

CAMINHA, P. V. de. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Porto Alegre: L&PM, 1985.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**. 4.ed. São Paulo: Makron Books, 1996.

CHICO Buarque: letra e música. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.106.

COELHO NETO, J. T. **Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário**. 2.ed. São Paulo: Iluminuras, 1999.

CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil sem homofobia: programa de combate à violência e à discriminação contra gays, lésbicas, bissexuais e transexuais (GLBT) e promoção da cidadania homossexual**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

FAIRCHILD, B; HAYWARD, N. **Agora que você já sabe: o que todo pai e toda mãe deveriam saber sobre a homossexualidade**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE DOCUMENTAÇÃO. **Classificação decimal universal: edição média em língua portuguesa**. Brasília: IBICT, 1988.

FIGUEIREDO, N. M. **Tópicos modernos em ciência da informação**. São Paulo: Centro Cultural Teresa D'Ávila, 1994.

_____. Serviço de informação para a comunidade em bibliotecas públicas. In: _____. **Textos avançados em referência e informação brasileira**. São Paulo: Polis: APB, 1996. p.121-24.

_____. Serviço de informação para a comunidade como um instrumento de democratização da biblioteca pública brasileira. In: _____. **Textos avançados em referência e informação brasileira**. São Paulo: Polis: APB, 1996. p.107-19.

FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3.ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, D. R. de S. **Ousar dizer o nome**: movimento homossexual e o surgimento do GRAB no Ceará. 2003. 70f. Monografia (Bacharel em Serviço Social) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.

FURTADO, E. **Homossexualidade e mídia**. Disponível em: <<http://geocities.yahoo.com.br/rosavglts/temag.htm> >. Acesso em: 08 jun.2005.

FRY, P.; MACRAE, E. **O que é homossexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 1985.

GOLDBERG, M. A. A. **Educação sexual**: uma proposta, um desafio. 5.ed. São Paulo: Cortez, 1988.

GONTIJO, F. Imagens identitárias homossexuais, carnaval e cidadania. In: RIOS, L.. F. et al. (Org.). **Homossexualidade**: produção cultural, cidadania e saúde. Rio de Janeiro: ABIA, 2004.

HUMBERTO, R. **O amor entre iguais**. São Paulo: Mythos, 2004.

KAUCHAKJE, S. Riscos e possibilidades da demanda pelo direito à diferença apresentado pelos novos movimentos sociais. **Publicatio UEPG – Ciências Sociais**, v.8, n.1, p.07-17, 2000.

LAGO, R. F. do. Bissexualidade masculina: uma identidade negociada? In: HEILBORN, M. L. (Org.). **Sexualidades**: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 157-174.

LASSO, P. Sociologia da homossexualidade: uma aproximação. In: _____. **Homossexualidade, Ciência e Consciência**. São Paulo: Loyola, 1985. p. 65-79.

LIMA, T. P. **Função social do bibliotecário**: mediação da (des) informação. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Estadual de Londrina.

LODY, R. **Candomblé**: religião e resistência cultural. São Paulo: Ática, 1989.
MACEDO, D. C. A.; ALEXANDRE, E. S. **Uma visão jurídica e social da homossexualidade**. Londrina: Ed.UEL, 2003.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MILANESI, L. **Biblioteca**. São Paulo: Atelié, 2002.

MOTT, L. R.B. **Crônicas de um gay assumido**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MUELLER, M. S. Comunicação, informação, biblioteca: uma abordagem integradora, um questionamento. **Rev. da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.19, n.1, p.7 - 23, mar. 1990.

MUELLER, S. P. M. **Origem dos serviços aos usuários: módulo 8**. Brasília: ABEAS, 1986.

NA SUÉCIA, projeto biblioteca viva "empresta" pessoas. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/divirtase/letras/noticias/2005/ago/19/125.htm> Acesso em: 11 out.2005.

NUNAN, A.; JABLONSKI, B. Homossexualidade e Preconceito: aspectos da subcultura homossexual no Rio de Janeiro. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 54, n.1, p. 21-32, 2002.

PARKER, R. G. **Abaixo do equador**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PERLONGLER, N. **O que é AIDS?** São Paulo: Brasiliense, 1987.

PEREIRA, C. A. M. O impacto da AIDS, a afirmação da "cultura gay" e a emergência do debate em torno do "masculino" - fim da homossexualidade? In: RIOS, L. F. (Orgs.). **Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde**. Rio de Janeiro: ABIA, 2004. p. 52-62.

PICAZIO, C. **Sexo secreto: temas polêmicos da sexualidade**. São Paulo: Summus, 1998.

PIMENTA, A. L. N. et al. A informação como insumo de projeto de cidadania do povo negro: relatório de pesquisa e proposta de criação do centro de informação e memória da casa Dandara. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16., 1991, Salvador. **Anais...** Salvador: 1991. p.1108-1124.

PODE SER DIFERENTE: caderno sobre violência e discriminação/ Secretaria de Estado de Assistência. Projeto Centro Nacional de Formação Comunitária. Rio de Janeiro, [2000?].

POLLAK, M. A homossexualidade masculina ou a felicidade do gueto? In: AIRES, P.; BEJIN, A. (Orgs.). **Sexualidade Ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.54-76.

_____. **Os homossexuais e a AIDS: sociologia de uma epidemia**. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.

RANGEL, M. **A violência do estigma e do preconceito a luz da representação social**. Disponível em: < http://www.arco-iris.org.br/_prt/dicas/arquivos/052004-02.doc>. Acesso em: 05 jun. 2005.

RICARDO, J.; APOLINÁRIO, J. Primavera nos dentes. Intérprete: Ney Matogrosso. In: **Secos e molhados**. São Paulo: Continental, p1973. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 5.

RIESENFELD, R. **Papai, mamãe, sou gay**: um guia para compreender a orientação sexual dos filhos. São Paulo: Summus, 2002.

ROCHA, M. M. O. SEDIPO: uma experiência pioneira de informação para a cidadania. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO; CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 2., 17, 1994, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: 1994. p. 749-760.

RUIZ, J. A. **Metodologia científica**: guia para eficiência nos estudos. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

SINFIELD, A. O século de Oscar Wilde. **Cultura Vozes**, São Paulo, v.92, n.5, p.111-156, set./out. 1998.

SOUZA, M. L. **Violação dos Direitos Humanos dos Homossexuais no Brasil**. Disponível em: <<http://geocities.yahoo.com.br/rosavglts/temag.htm>>. Acesso em: 08 jun.2005.

SOUZA, S. de. **CDU**: guia para utilização da edição-padrão internacional em língua portuguesa. Brasília: Thesaurus, 2002.

SPENCER, C. **Homossexualidade**: uma história. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

TARGINO, M. das G. Biblioteconomia, informação e cidadania. **Rev. da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.20, n.2, p.149-160, jul./dez. 1991.

TRASFERETTI, J. A. Igreja dos excluídos: pastoral na periferia dos centros urbanos, homossexualismo em questão-retrato desconexo. **Cultura Vozes**, São Paulo, v.91, n.4, p.137-154, jul./ago. 1997.

TREVISAN, J. S. Cadê nosso Stonewall? **G magazine**, São Paulo, v. 6, p. 14-16, jul. 2004.

_____. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

VASCONCELOS, N. de. **Amor e sexo na adolescência**. São Paulo: Moderna, 1985.

GLOSSÁRIO

AIDS: abreviatura do inglês *Acquired Immunological Deficiency Syndrome*, ou em português Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (S.I.D.A.).

Bissexual: indivíduo que tem envolvimento emocional e/ou sexual com pessoas de ambos os sexos.

Bissexualidade: atração afetiva/sexual por indivíduos de ambos os sexos.

Estereótipo: generalizar determinadas características em um grupo tidas como verdade.

Gay: palavra em inglês que tem o significado “alegre” e que se popularizou como denominando homossexuais tanto para o masculino como para o feminino.

Gênero: conceito social que define “o masculino” e “o feminino”, variando segundo a sociedade, a época e a cultura.

Guei: palavra textualizada do termo “Gay”, que tem o mesmo significado.

Heterofobia: medo, repulsa e ódio pela heterossexualidade e o que ela representa.

Heterossexual: indivíduo que tem envolvimento emocional e sexual por pessoas de sexo biológico diferente do seu.

Heterossexualidade: atração afetiva/sexual por indivíduos de sexo oposto.

Homofobia: medo, repulsa e ódio pela homossexualidade e o que ela representa, muitas vezes devido a preconceitos instituídos na sociedade.

Homossexual: indivíduo que tem envolvimento emocional e sexual por pessoas de sexo biológico igual ao seu.

Homossexualidade: atração afetiva/sexual por indivíduos do mesmo sexo.

Identidade Sexual: conjunto de características sexuais que diferenciam as pessoas e que expressam as preferências sexuais, os sentimentos e as atitudes com relação ao sexo.

Lésbica: terminologia utilizada para designar a homossexualidade feminina, tem sua origem na ilha de Lesbos, hoje Mitileno, no mar Egeu.

Metrosssexual: homem que independente da orientação sexual, cuida da aparência, da saúde, do físico e dos modos de agir na sociedade.

Michê: homens geralmente heterossexuais que se prostituem.

Orientação Sexual: atração afetiva e/ou sexual que uma pessoa sente pela outra.

Transgênero: termo que engloba tanto a travesti quanto a transexual. Num sentido fisiológico de homem ou mulher que se relaciona com o mundo como mulher ou homem.

Transexual: homem ou mulher que sente que pertence ao sexo oposto, muitas vezes recorrendo à cirurgia plástica para adequar seu corpo com a mente.

Travesti: homem ou mulher que se traveste com roupas, acessórios e atitudes do sexo biológico oposto, tanto indivíduos heterossexuais quanto indivíduos homossexuais.